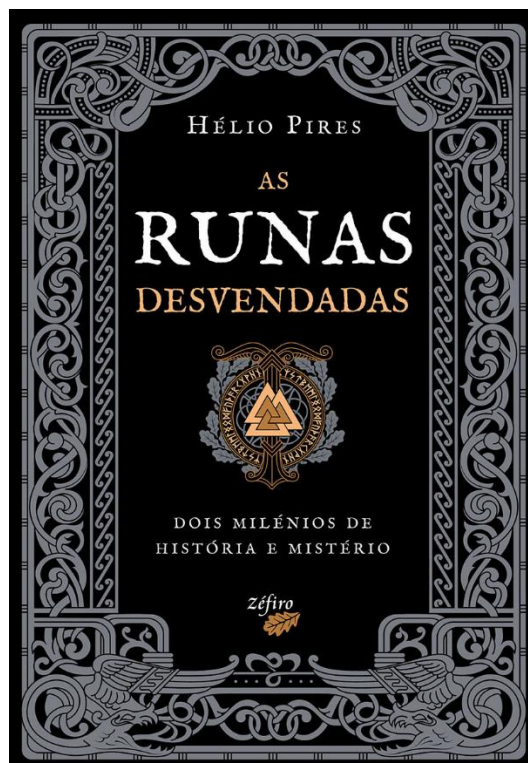


A ESCRITA RÚNICA E SUA HISTÓRIA
RUNIC WRITING AND ITS HISTORY



PIRES, Hélio. *As runas desvendadas: dois milénios de história e mistério*. Sintra, Zéfiro, 2023.

Andréa Caselli¹

O público de apreciadores e estudiosos sobre runas - sejam magistas, folcloristas, historiadores ou apenas curiosos - tiveram uma boa surpresa quando, em dezembro de 2023, o historiador português Hélio Pires lançou o livro “Runas desvendadas: dois milénios de história e mistério”. Para os estudos lusófonos em cultura viking e escandinava, este é um marco importante porque, além de ser uma publicação que trata do estudo científico sobre runas, também atinge diversos públicos que usam as runas para divinação, magia, neopaganismo e toda a diversidade de usos contemporâneos que as runas receberam.

¹ Doutora em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos). Email: casellicontato@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8241-9283> Site: www.deacaselli.com

Este é um livro que introduz e discute sobre runas em toda a sua miscelânea, das origens até a atualidade. É sobre como surgiram, foram usadas, interpretadas e sobreviveram como símbolos durante muitos séculos. Ao folhear o livro, o leitor se depara com explicações sobre conceitos, datações, mitos e lendas. Contudo, a originalidade do texto está principalmente no trabalho de pesquisa sobre o uso das runas pelo neopaganismo e pelo esoterismo, visto que, na atualidade, elas não majoritariamente usadas como símbolos religiosos e místicos.

O autor inicia com uma introdução que lembra a importância de conhecer a definição básica das runas como um sistema de escrita fonético que pertencem a uma cronologia que faz delas fontes históricas muito valiosas. No primeiro capítulo, ele relaciona os símbolos rúnicos aos mitos nórdicos e aos registros literários que relatam o uso das runas em feitiços. Além de citar sempre as sagas e a Edda, também aborda os textos dos principais investigadores dos textos medievais escandinavos.

Onde e quando as runas foram inventadas? Quem as inventou? Qual sua finalidade original? Tais perguntas são analisadas e algumas hipóteses de estudiosos do tema são mostradas. Tendo a palavra runa uma morfologia que remete ao segredo e ao oculto, o autor apresenta, no segundo capítulo, um histórico de propostas etimológicas. O seu uso por romanos e outros povos de idioma latino é tratado de forma a esclarecer que o uso e as transformações das runas são muito complexos e muito ainda não foi estudado de forma esclarecedora. A escassez de fontes de informação dificulta a busca pelas origens rúnicas.

Porém, o autor trabalha com as fontes disponíveis e mostra um estudo sobre as pedras rúnicas escandinavas, as gravações rúnicas em objetos, as nomenclaturas rúnicas e a possibilidade dos fonemas rúnicos. As pedras rúnicas são de grande importância para a compreensão da mitologia nórdica, pois são provas físicas do uso prático dessas narrativas. Podemos tomar como exemplo a narrativa do hidromel da poesia, assim como a da valquíria que oferece hidromel ao recém-chegado, que foram representadas na estela de Gotland – século IX, Suécia – denominada Stora Hammars III (Langer, 2015, p. 250).

No terceiro capítulo, são abordadas as diferentes grafias das runas. São ilustradas inscrições rúnicas que são associadas - no livro - às letras do alfabeto corrente, para melhor compreensão dos leitores. As diferentes variações rúnicas são mostradas também através da análise dos poemas rúnicos, mostrando que as runas transformaram-se com as diferenças

regionais, com as migrações e com o devir do tempo. Novas runas foram elaboradas através de runas antigas e a mudança fonética acompanhou essa mudança gráfica.

Também é discutida a influência latina na evolução dos alfabetos rúnicos e, principalmente, no alfabeto rúnico medieval. A inserção de novas runas e a sua forma de escrita mais próxima do alfabeto latino na Idade Média aponta para uma possível influência do cristianismo, da cultura literária da Europa Continental e do desenvolvimento da imprensa. O uso das runas após 1500d.C. não somente é comprovado, mas também explorado no livro, com observações sobre sua transformação e sobre o seu uso no meio rural.

Assim, o livro oferece observações sobre a miscelânea de usos que as runas tiveram e ainda têm, fazendo o leitor descobrir que elas são muito mais significativas do que o senso comum costuma apresentar. Isso fica ainda mais explícito no quarto capítulo, quando são apresentados os usos pré-cristãos, principalmente gravações rúnicas em metal e pedra, que são materiais mais duráveis. Na magia e na religião, o autor apresenta o recurso textual, o simbólico e o sequencial de caracteres. Nestes três recursos, as runas são usadas com propósitos definidos e podem ter diversos aspectos ligados ao sobrenatural: como feitiços, proteção divina ou ritos funerários.

Objetos de uso cotidiano também recebiam gravações rúnicas com uso mágico, religioso ou apenas com o intuito de gravação do nome do proprietário. Moedas, etiquetas, pentes, lanças e caixas são exemplos de objetos que ilustram as runas gravadas como nomes, códigos ou criptogramas. O autor também dá atenção à análise das pedras rúnicas, que muitas vezes são ricamente decoradas com ilustrações do que está escrito. Os textos das pedras costumam ser fragmentados e abordam temas como riquezas pagas ou dadas, batalhas, laços de parentesco, homenagens aos deuses, homenagens a quem gravou a pedra ou a quem a ergueu e memórias fúnebres.

Dando continuidade ao tema das pedras rúnicas, o capítulo cinco faz uma análise de como elas têm uma função de memorial, decoração e glorificação. A partir do século X, elas tornaram-se muito populares na Dinamarca, mas o livro mostra, com mapas e ilustrações, que também foram abundantes na Noruega (onde foram encontradas as primeiras) e também na Suécia. Como prova da influência cristã, não somente as virtudes dos deuses foram gravadas nas pedras, mas também os grandes feitos dos santos e da virgem Maria.

O capítulo seis fala dos usos pós cristianização e do emprego das runas por clérigos, com permissão da igreja, gravando runas em manuscritos ou objetos. A mistura com caracteres

romanos e o contexto cristão tornam-se muito presentes. O livro mostra que, apesar das origens míticas, as runas não parecem ter sido consideradas com aspecto demoníaco ou pagão pela igreja medieval escandinava, mas sim como instrumento escrito válido e de comunicação com as comunidades nórdicas. Pois, havia a cultura letrada do clero e a cultura popular mais rudimentar, com sua própria escrita e estilo de vida. Para se estabelecer nos locais, o clero precisava adaptar-se aos costumes locais e exercer uma transmissão fluida de seus conhecimentos.

Nos cruzamentos e mesclas de idiomas e grafias, o uso das runas fornece indícios de como o idioma latino seria pronunciado na Escandinávia. No contexto cristianizado, o sistema rúnico nativo sofreu adaptações e passou a ser usado de formas sincréticas. O livro mostra que inscrições rúnicas do período medieval cristianizado oferecem uma diversidade de placas rúnicas com textos que expressam mensagens de amor, de posse de algum objeto, de autopromoção, de notícias sobre acontecimentos e até de obscenidades.

No capítulo sete, o autor discorre sobre o uso das runas no contexto esotérico, que é o mais abundante atualmente. A concepção de runa como instrumento de cunho místico, mágico e ideográfico tem sua história discutida nesse capítulo de forma didática. A Reforma Protestante na Escandinávia surge como ponto de partida para que eruditos, patriotas e religiosos passem a usar as runas como instrumento de manipulação mística. O uso das runas como lembrança de um passado esquecido e do prestígio dos antigos deuses torna-se um motivo para patriotas afirmarem seus países como terra original das runas. As rivalidades entre os reinos nórdicos levou cada um a fazer seus próprios registros de recepção mitológica e as runas estavam incluídas nesses trabalhos.

Já no século XIX, o movimento cultural romântico intensificou o ocultismo e o nacionalismo. Os artistas, escritores e eruditos influentes do período transformaram o significado das runas em algo sobrenatural, mágico e que remetia ao sonho de um passado glorioso e tradicional. Não apenas isso, mas por conta de novas ideias filosóficas como a teosofia e a aproximação com culturas orientais, os símbolos rúnicos passaram a ser mesclados e confundidos com alfabetos e símbolos de outras culturas, sem rigor empírico ou científico. Um exemplo muito explícito disso são o uso indiscriminado da suástica e as concepções sobre raça ariana misturados aos cultos nórdicos e cultos tibetanos nos livros publicados na época.

Menos grave, mas igualmente popular, foram a multiplicação de novas crenças que surgiram a partir de métodos e teses ligados ao nacionalismo. A literatura de fantasia muito

contribuiu para que as populações aceitassem as novas formas de política que destruíram reinos e impérios para formarem repúblicas e reinos menores. Assim, surgiram nos últimos séculos uma compreensão de uso popular das runas como símbolos mágicos e esotéricos. Elas agora são vistas como ideogramas sagrados e veículos de forças cósmicas.

No capítulo oito, são abordadas questões mais recentes como o as runas no neopaganismo nórdico, na Escandinávia e no mundo. Foi a partir dessas novas concepções religiosas neopagãs que a ideia atual das runas surgiu. As ideologias imaginativas dos séculos XIX e XX estabeleceram a presença das runas na cultura popular como símbolos dos quais se pode extrair segurança oracular e legitimidade cultural. Para explicar este fato, o autor analisa publicações de autores da época e faz um breve histórico sobre as origens do movimento neopagão nórdico.

Na conclusão, o autor lembra que as runas tem um significado além do religioso, pois são letras que podem ser usadas para qualquer fim. Elas são fonte de conhecimento histórico, político e cotidiano. Contudo, a conclusão apresenta uma curiosa consideração sobre símbolos do norte de Portugal (país do autor e de publicação do livro; como também de residência desta que vos escreve), que muito se parecem com as runas: As siglas poveiras, que são letras usadas pelos pescadores da cidade de Póvoa de Varzim. Nem todas essas siglas têm semelhança com as runas e as duas páginas dedicadas a elas mostram que a relação e a comparação precisam ser melhor pesquisadas e ponderadas.

Referências bibliográficas:

- LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de Mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo, Hedra, 2015.
- PIRES, Hélio. *As runas desvendadas: dois milênios de história e mistério*. Sintra, Zéfiro, 2023.